

CIÊNCIA MANUEL PAIVA, RESPONSÁVEL POR DIVERSAS MISSÕES CIENTÍFICAS DA NASA E DA ESA, DÁ AULA SOBRE ESPAÇO EM LISBOA

# "A minha carreira é uma diversão constante"

"Se tivesse ficado em Portugal, não tinha chegado onde cheguei", disse este físico português, que se naturalizou belga

PAULA SANTOS FERREIRA

É um dos físicos mais prestigiados na investigação espacial e conhece como poucos os bastidores da NASA e da ESA, com quem colabora há mais de 20 anos. Manuel Paiva nasceu em Portugal, mas nos anos sessenta após a licenciatura em Física, trocou a sua cidade natal, o Porto, pela capital belga, onde dirige o laboratório de física biomédica da Universidade Livre de Bruxelas.

O seu nome é bem conhecido na comunidade científica internacional, ao contrário do que acontece no nosso país, onde ainda passa despercebido. Mas esta tarde, os estudantes portugueses vão passar a conhecê-lo, pois Manuel Paiva dará uma conferência, às 15 horas, no Pavilhão do Conhecimento, sobre a Física no Espaço e as numerosas missões científicas das Agências Espaciais Europeia (ESA) e norte-americana (NASA) onde tem vindo a desenvolver as suas actividades.

O convite partiu do Programa Ciência Viva e este português naturalizado belga aceitou-o de imediato, para não perder a rara oportunidade de falar no seu idioma de origem para uma plateia jovem. Algo que faz com regularidade nas escolas belgas e não só. O seu objectivo é simples: despertar a paixão pelas ciências junto dos mais novos. "O espaço é um dos temas privilegiados para acordar as vocações científicas", disse a A CAPITAL Manuel Paiva.

Este cientista sabe do que fala pois é actualmente o coordenador do Programa Pedagógico da Agência Espacial Europeia (ESA). Foi ele quem escolheu os temas a abordar nas próximas duas missões espaciais da ESA,

espanhola e holandesa, que terão uma forte componente pedagógica.

**ATRASO.** Segundo contou é sempre com grande satisfação que vem conferenciar a Portugal para uma plateia jovem. "Portugal é dos países mais atrasados ao nível da cultura científica", alertou Manuel Paiva mostrando-se muito crítico em relação ao modo como os governantes sempre "negligenciaram" a ciência.

Esta foi a razão que o levou em 1964 após a licenciatura em física a abandonar o país e a ir trabalhar para o laboratório que hoje dirige em Bruxelas. "A minha vida tem sido um divertimento constante desde que iniciei a minha carreira na Bélgica. De certeza que se tivesse ficado em Portugal não teria chegado onde cheguei", reconheceu este cientista de 60 anos. E rindo, recorda que o livro que escreveu com uma estudante de física radicada nos EUA, "Diálogos com Portugal", em 1998, sobre a situação científica no nosso país, tornou-se muito mais famoso na Bélgica do que em Portugal. Mas esta tarde, após a conferência irá realizar uma sessão de autógrafos deste seu livro com a chancela da editora Livros e Leituras.

Manuel Paiva não tem dúvidas: Está na hora de Portugal "acordar" e tentar recuperar o tempo perdido. Para que daqui a vinte anos, o nosso país "possa desenvolver uma missão espacial como as que vão ser realizadas pela Espanha (em Outubro) e pela Holanda". Cada um destes países pagou 16 milhões de euros para ter a sua missão espacial e aceder à estação espacial internacional (ISS), explicou.

O que mais o entristece é que o nosso país já podia ter uma participação mais activa na agência europeia. Em 1987, como responsável pela comissão das ciências da vida da ESA, Manuel Paiva encontrou-se com o então presidente da República, Mário Soares e tentou convencê-lo das vantagens da participação portuguesa. "Final Portugal decidiu ter



Manuel Paiva vai hoje mostrar no Pavilhão do Conhecimento algumas experiências realizadas por astronautas

o seu programa espacial próprio e lançar o satélite português Posat. Imagine o que Portugal poderia ter poupado caso tivesse aderido à ESA. E a produção científica estaria mui-

to mais desenvolvida", afirmou. E recordou que Portugal foi o último país a aderir à agência em 2000. Contudo, reconheceu que "o panorama científico português tem evoluído

nos últimos anos", sobretudo a nível do despertar de vocações entre os mais novos, disse Manuel Paiva. Para tal, frisou, "muito tem contribuído o Programa Ciência Viva".

## Viagem a Marte deverá acontecer só daqui a 20 anos

Daqui a vinte anos o homem estará preparado para a longa viagem até ao planeta vermelho. Algo que, segundo Manuel Paiva, só deverá acontecer daqui a duas décadas, e após a conclusão da Estação Espacial Internacional (ISS), que deveria estar pronta em 2005, mas está atrasada.

"A viagem a Marte terá um custo superior ao da construção e funcionamento da ISS, que está estimada em cerca de 50 mil milhões de euros", contou o físico que tem participado em todas as experiências até agora realiza-

das sobre a adaptação do corpo humano, nomeadamente do sistema cardiorrespiratório, em ambiente de microgravidade. Foi devido à 10.ª experiência realizada a bordo da trágica missão do valem Columbia que o cientista ficou conhecido em Portugal.

"No dia em que o valem se desintegrou, os jornalistas portugueses descobriram que havia um português a colaborar nesta missão começaram a chover telefonemas e fui de imediato entrevistado por dois canais de televisão de Portugal", contou.

Para Manuel Paiva não faz sentido ter sido um desastre a "despolotar tanto interesse" pela sua pessoa. Afinal, já tinha colaborado em todas as anteriores missões de estudo do corpo tendo até ensaiado as experiências com astronautas famosos, como é o caso do norte-americano John Glenn que voltou ao espaço com 77 anos de idade.

A sua colaboração com a NASA inicia-se em 1973, ano em que escreveu uma carta a sugerir algumas experiências ao então director de Ciências da Vida da agência norte-ameri-

cana. Este responsável respondeu-lhe e em 1991 Manuel Paiva vê a suas experiências serem realizadas numa missão espacial. Um ano depois inicia uma colaboração mais séria com a ESA.

Por isso, tem acompanhado a evolução da investigação espacial e do conhecimento do corpo humano no espaço. "O nosso organismo demora cerca de três semanas a adaptar-se à imponderabilidade", disse. E acrescentou que o maior problema da longa permanência no espaço é a descalcificação óssea.